

## Fazendo cinema na Paraíba

*Virgínia de Oliveira Silva*

**R**amon Batista, de Nazarezinho/PB, nunca havia ido ao cinema antes de participar do I Laboratório Paraibano de Jovens Roteiristas - JABRE, de 14 a 18/07/2011, no Congo/PB, mas saiu dele ganhador do prêmio para transformar seu roteiro em filme.



**Figura 1 - Cartaz de "Fogo-Pagou" - Reprodução**

"Fogo-Pagou" (8', 2012), primeiro filme dirigido por Batista, documenta poeticamente um cemitério clandestino e abandonado de sua cidade. Entre luzes do dia e de velas capturadas pela bela fotografia de Bruno Sales, o filme se faz: o menino Henrique Rodrigues nos ensina que quem pode causar medo são os vivos e não os mortos; o avô do diretor, Manoel Neves, revela ter parentes enterrados ali. O canto triste de um pássaro homônimo ao filme, gravado por Paulo Roberto, responsável pelo som direto, pontua a trilha sonora. O simples complexo ou o complexo simples é assim apresentado.

Já em sua estreia, "Fogo-Pagou" de Batista dividiria com "Serra do Mar" da paulista Iris Junges, o I Prêmio Itamaraty para o Curta-Metragem Brasileiro em São Paulo; além de ser selecionado para diversos festivais e mostras, sendo premiado em diferentes estados do Brasil.



**Figura 2 - Frame de "Fogo-Pagou" - Reprodução**

Coordenado por Torquato Joel e Virgínia Silva, cineastas e servidores da UFPB onde coordenam, respectivamente, os Projetos ViAção Paraíba e Cinestésico, apoiado pela Associação Cultural do Congo, Prefeitura do Congo e Grupo Paz Lucas, o JABRE visa descentralizar e socializar o acesso às informações e à formação cinematográfica, desvelando e desmitificando esse fazer, aproximando desejos, sonhos e realizações. Sua metodologia pressupõe, pela ordem: a exibição e debate de audiovisuais; socialização dos argumentos; formação de dois grupos de trabalho (ficção e documentário); discussão coletiva dos projetos de roteiro a partir dos argumentos modificados nos grupos; retomada do trabalho individual; nova reunião dos grupos; apresentação geral dos roteiros finalizados; eleição dos melhores roteiros; exibição de filmes indicados pelos participantes; e confraternização final.



**Figura 3 – I JABRE - Congo/PB**

Seguindo os princípios cineclubistas, projeções e debates, mais que fruição (LEONE e MOURÃO, 1987; MARTIN, 1990), possibilitam: o desvelamento da linguagem cinematográfica; reflexões sobre educação, comunicação, cultura, extensão (FREIRE, 2011); bem como o desenvolvimento de outros temas, qualificando a leitura crítica das mídias e experimentos. A discussão dos temas dos roteiros é descentralizada, todos opinam e sugerem, considerando-se que o caráter formativo das atividades pode ser entendido em três diferentes dimensões: a) o próprio processo de exibição e de vivência proporcionada pelos debates; b) o processo de discussão das atividades e de seus resultados; c) a oferta de esclarecimentos sobre linguagem cinematográfica para a criação de roteiros e produções audiovisuais.

Estimulam-se a reflexão e a produção em torno de temáticas significativas para os participantes/representantes das comunidades envolvidas. Percebe-se que a produção audiovisual a partir do JABRE em muito estimula a auto-estima de jovens que vivem em locais, paradoxalmente, sem acesso ao cinema.

Considerando-se os audiovisuais como materiais fundamentais na produção de conhecimentos em seu diálogo com leituras trazidas de outras agências formadoras, buscamos contribuir para a leitura crítica,

capaz de dialogar reflexivamente com os estereótipos que nos cercam cotidianamente. É fundamental a real aproximação entre extensão, ensino e pesquisa. Lamentamos que por falta de condições estruturais, essas ações ainda fiquem limitadas a poucos participantes. Testemunhamos uma gama de sensações e impressões conceituais, materiais e simbólicas, que denotam a força conotativa que o cinema impregna em espectadores freqüentes ou eventuais. Podemos afirmar que a leitura crítica dos produtos audiovisuais é fundamental para que os sujeitos possam questionar os estereótipos e os valores usualmente veiculados pelos produtos do grande circuito comercial.

Concluimos que o ato de se fazer audiovisual, além de artístico, é um elemento pedagógico, e que precisa ser reconhecido, haja vista a luta da categoria de profissionais do audiovisual para que haja dignidade no aporte de verbas para o setor na Paraíba, que necessita, urgentemente, da criação de políticas públicas para o pleno fomento de sua capacidade artística, econômica e pedagógica em torno do audiovisual.

## **Referências**

- FREIRE, P. *Extensão ou Comunicação?* São Paulo: Paz e Terra, 2011.  
LEONE, E.; MOURÃO, M<sup>a</sup>. *Cinema e montagem*. São Paulo: Ática, 1987.  
MARTIN, M. *A linguagem cinematográfica*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

## **Sobre a autora**

Professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB); foi, entre fevereiro/2014 e janeiro/2015 bolsista PNPd/Capes, na UERJ, ligada ao GRPESQ "Currículos, redes educativas e imagens", do Programa de Pós-graduação em Educação (ProPEd), coordenado por Nilda Alves, dentro do Laboratório Educação e Imagem.

[cinestesico@gmail.com](mailto:cinestesico@gmail.com)